

Oficina do grupo Probral “Discursos sobre a épica” (Bochum)

Local e data: Bochum, 08.10.2018

Participantes

Márcia Ivana, Bruna Nunes, Bárbara Zeni (Porto Alegre), Roger Friedlein, Dirk Brunke e Marcos Machado (Bochum)

Síntese

A reunião consistiu na apresentação de quatro trabalhos sobre a épica do século XIX por integrantes do grupo de pesquisa. Dois trabalhos apresentaram resultados (Roger Friedlein e Dirk Brunke) e outros dois (Márcia Ivana e Marcos Machado) expondo trabalhos em desenvolvimento já com foco sobre os discursos.

Apresentações

Roger Friedlein

Autoestilización en la poesía épica medievalista – Joaquim Rubió i Ors: Roudor de Llobregat (1841) y Jacint Verdaguer: Canigó (1886)

O trabalho analisou o “eu” narrador em dois poemas catalães de temática medievalizante. Num cenário em que a presença do “eu” do narrador é um índice de inovação, os narradores dos textos catalães apresentariam um “eu” que não se manifesta pelos comentários, mas através de uma caracterização ou estilização discursiva. Em Rubió i Ors, isso se daria pelo uso de uma “persona”, da adoção de um lugar de fala medievalizante pelo narrador. Já no poema de Verdaguer, apesar da temática medieval, a partir da análise da polimetria característica do poema, constata-se que a voz do narrador se mantém em variações do verso decassílabo, sem assumir uma “persona” e superando com isso o medievalismo. Ao contrário, ele assumiria uma posição transepocal, agindo através ou por cima das épocas.

Dirk Brunke

Autenticidade na épica do século XIX

O tema do trabalho foi a integração de elementos paratextuais (notas e glossários) ao texto épico, feita visando sublinhar a autenticidade de matéria pré-existente tratada no poema e a identificação do leitor com o mundo ficcional. Numa primeira situação, temos a autenticidade entendida como transmissão sem adulteração (autenticidade do material ou do objeto) de material completo originalmente “puro”, criando a ilusão de que a fonte se manteve inalterada. Na América Latina, sem a existência de fontes mais antigas, surgem outras estratégias apontadas em três exemplos. Em “I Juca-Pirama”, de Gonçalves Dias, o texto inteiro seria apresentado como dissimulação de documento da tradição; em *Celiar*, de Magariños Cervantes, o narrador apresenta trechos como autênticos através de recursos gráficos, para demarcar o espaço da sua própria imaginação estética, além de empregar um discurso que faz referência à origem oral da matéria narrada; por último, *A Independência do Brasil*, de Teixeira e Souza, traz um texto histórico como paratexto, que é parafraseado em verso. Os três exemplos teriam em comum o papel central do narrador, que faz uso poético do material folclórico, popular ou histórico.

Márcia Ivana

A apresentação se referiu ao trabalho que será desenvolvido no âmbito do Probral. Ele se integra à linha de investigação que a participante desenvolve na área dos estudos literários aplicados, com ênfase nos processos de criação e gênese textual. No âmbito do Probral, será desenvolvido um trabalho sobre a posição crítica de José de Alencar na polêmica sobre *A Confederação dos Tamoios*. Foi apresentada uma síntese inicial das posições Alencar. A decepção com o texto de Magalhães se justificaria pelo horizonte de Alencar, constituído pela grande tradição literária. Examinando por que tais textos teriam se tornado paradigmáticos, Alencar constata a incapacidade do poema de reforçar a identidade nacional brasileira. Critica sobretudo a falta de cuidado, as descrições da natureza insuficientes, a construção de uma heroína sem força e a escolha do tema principal do poema. Destacou-se a evolução da crítica de Alencar, que partiu do geral para o detalhe após as primeiras defesas. Na discussão, destacou-se a situação particular das polêmicas, nas quais poderia haver a constituição de discursos numa dinâmica própria de evolução e reposicionamento.

Marcos Machado Nunes

Discursos sobre a épica nas culturas lusófonas do século XIX: paratextos

O projeto individual procura, como ponto de partida, analisar em que medida os prefácios a textos épicos indicariam uma consciência da inovação formal e das convenções temáticas do gênero, assim como do uso de matéria histórica e popular. Para isso, foi realizado um levantamento inicial de textos brasileiros e portugueses contendo prefácios, a partir de critérios definidores do poema épico. Em seguida, fez-se uma breve apresentação teórica sobre o paratexto e os prefácios, baseada em Genette. Ao final, foram apresentados três exemplos de textos portugueses. No primeiro, *Isabel, ou a heroína de Aragão*, o prefácio apresenta um programa de inovação centrado no uso do romance de tradição oral, criticando a épica pela ausência da cor local e das tradições nacionais nos textos épicos canônicos. Já no prefácio de *A Delfina do mal*, o discurso sobre a épica estabelecerá a filiação do texto ao gênero, propondo uma épica para uma coletividade universal, para além da nacional. O mesmo acontece com *Miragens seculares*, cujo prefácio discute o papel de uma epopeia da humanidade na evolução da história na visão positivista. Ao final, discutiu-se se o discurso articulado nos prefácios teria intenção e abrangência teórica mais ampla ou se se limitaria ao âmbito da poética do autor.